

Receita de estabilização corta os gastos públicos

TÓQUIO — (Da enviada especial) — Cortar rigorosamente os gastos públicos e administrar mais racional e criteriosamente o realinhamento de preços, para "evitar abusos". Esta é a receita do Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, hoje, para estabilizar a economia interna, solucionar o problema da dívida externa e dobrar a renda *per capita* da população brasileira em dez anos.

Durante o voo de 18 horas, da Europa para o Japão, Funaro disse que o plano que negocia com os credores do Brasil pressupõe uma "política de austeridade por quatro anos". Ele acha que o Presidente José Sarney deve executar seu período de seis anos na Presidência: "temos que trabalhar com o mandato que existe hoje", argumenta.

O Ministro da Fazenda disse que não pretende pagar o principal da dívida externa, pois "nenhum país, até hoje, fez isso". O que se procura é refinanciar US\$ 5 bilhões dos juros devidos anualmente, de maneira que seja descontada a taxa de inflação externa que incide sobre a dívida, como taxa de juros.

O GLOBO — Ministro, o plano de refinanciamento dos juros externos que vencem nos próximos quatro anos exige adaptações na economia interna?

FUNARO — Temos que por o Brasil em ordem. A inflação voltou e precisamos combatê-la com medidas fortes. Na área governamental, vamos comandar profunda austeridade, com rigorosos cortes de gastos. Os investimentos públicos, no entanto, serão mantidos.

O GLOBO — E com relação à brusca elevação dos preços? O realinhamento vai continuar?

FUNARO — Vai, mais de forma mais racional e criteriosa. Quando

voltar ao Brasil, vou adotar novos mecanismos para tornar mais eficiente o controle dos preços. Não podemos admitir abusos.

O GLOBO — E a evolução dos salários, apontado por muitos como a causa da exarcebamento do consumo e da volta da inflação?

FUNARO — Não acho que houve consumo exagerado. A população estava há quatro anos sem consumir, por causa da recessão. O que aconteceu foi uma recuperação do poder de compra. O consumo não comprometeu o Plano Cruzado.

O GLOBO — Para o êxito deste plano de recuperação que o senhor está anunciando agora, o mandato do Presidente Sarney deve ser mantido em seis anos?

FUNARO — Temos que trabalhar com o mandato que existe hoje. A base de austeridade e estabilidade no País está planejada para os próximos quatro anos. Muitos países conseguiram, com planos deste tipo, através de investimentos, dobrar sua renda *per capita* em 15 anos. Acho que podemos ter a mesma meta para dez anos.

O GLOBO — Isto significa que a redução do mandato comprometeria o plano?

FUNARO — Não diria isto. Vamos ter agora que negociar a dívida externa. Se não der tempo para executarmos integralmente nosso plano, fica para o próximo Governo dar prosseguimento.

O GLOBO — Quando e como o Governo planeja pagar sua dívida externa?

FUNARO — Nenhum país até hoje pagou sua dívida externa. Isto não existe. Temos é que administrar a capacidade de endividamento do País.

O GLOBO — Se o Brasil financeirar US\$ 5 bilhões de juros por

ano, não fica com a desvantagem de aumentar o principal da dívida externa?

FUNARO — Os US\$ 5 bilhões referem-se praticamente à inflação mundial. Nos últimos anos, não pagamos parte do principal por causa da inflação embutida na taxa de juros. Se refinanciarmos este montante, todo ano, estaremos apenas mantendo o valor real da dívida, corrigido pela inflação externa. Com o refinanciamento, teremos que reduzir o spread, que é uma taxa adicional aos juros da dívida.

O GLOBO — É possível negociar um spread zero para o Brasil?

FUNARO — Isto é impossível. O sistema financeiro não aguentaria. Mas temos que ter um spread menor do que o do México.

O GLOBO — O senhor tem conhecimento do plano de ajuste que o Ministro do Planejamento, João Sayad, entregou recentemente ao Presidente Sarney?

FUNARO — Não. Quando saí do Brasil o Sayad me disse que estava fazendo os estudos, mas não vi.

O GLOBO — O senhor julga necessário criar novos mecanismos de estímulo aos investimentos estrangeiros no Brasil?

FUNARO — Não. Tanto o investimento estrangeiro, quanto o nacional, dependem da credibilidade do País. Quando fizemos o Plano Cruzado, foram registradas 148 mil novas empresas, em dez meses. O retorno da inflação e a indefinição sobre a dívida externa criam instabilidade. Por isto, temos que resolver urgentemente, estes dois problemas. O empresariado precisa ter certeza de que o Brasil vai executar um plano de estabilidade e resolver seus problemas com os credores externos.